

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e collaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assinatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1\$200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1\$500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 37

BRAGA

SABBADO 7 DE OUTUBRO DE 1882

O PARTIDO NOVO

Voltaire foi a sciencia de uma época que não é a nossa.

O seculo passado estava ainda muito na infancia para o ouvir, e já muito na velhice para o imitar.

A revolução bebeu a largos tragos um pensamento que a asfixiou.

Quiz fazer um mundo, e por que era poderosa, das mãos lhe sahio um mundo. Nivellou a terra, rasgou as montanhas, illuminou as profundidades, vouou nas azas de ferro da locomotiva, moveu-se nas valvulas do vapor, roubou ao raiu a electricidade, mas fez o homem superficial como a mariposa, e imprimiu-lhe o destino de morrer na chama que o alumia, envenenado pela atmosphera em que respira.

Fez um mundo de metal e fogo e um homem de lama e papel.

A philosophia da revolução robusteceu-se demasiado. O genio querendo afagar os povos com um abraço de gigante, estrangula-os na compressão insaciavel. A mão de ferro d'esse colosso monstruoso, caindo sobre a humanidade, esmaga-a sob o peso de uma caricia.

Voltaire foi um pincel colorindo um *mapa mundi*. As tempestades obliteraram as tintas; o fundo ficou negro como o cabos.

Voltaire foi um genio precoce, por isto a revolução teve desde logo uma matusada de prematura. A sua obra posthuma foi um seculo, mais pequeno do que elle, embora semelhante nos arrojos e nas vicissitudes.

Este seculo, definhado por uma existencia de desregramentos, expirará abraçado á Cruz, com o primeiro actor d'esta tragedia de cem annos.

Uma nova epoca principia a pedir o preço de cincoenta annos de calamidades.

Por toda a parte a eloquencia de uma rasão practica illumina a opinião. Os preconceitos perderam os ouropéis da lingua-gem com que se lisongeavam as devindades populares, os idolos da revolução, a synonymia venenosa das turbas mal educadas ignorantes e insensatas.

Quem o não vê? O orgulho dos que ainda crêem no seu efemero poder? O ex-forço de uma demonstração contraria é mais que pueril. Vacila sempre nos actos de um systema arbitrario; é inutil porque é injusto, incerto por que é inutil, enganoso por que é incerto.

A ancora de salvação das sociedades oprimidas firma-se nas crenças que renascem; nos desenganos que scintilam, em um ins-

tincto de conservação que se dispersa. Não ha que sophismar. As instituições, que não tem por base a moderação e a ordem, podem estabelecer-se pela violencia, mas são condemnadas a cair, senão pela força das reacções, ao menos pela acção do tempo e pela successão das épocas em que se envelhecem e se inutilisam.

A revolução perdeu a alma que lhe deu o seu maior iniciador. De grande tornou-se monstruosa. Dentro dos seus limites podia ser a idade da evolução: porque os ultrapassou marcou a idade da anarchia.

Uma raça lhe soffreu os grandes e maiores choques: uma raça a saccode de si.

A onda rolando por toda a superficie da Europa envolveu em seu mysterioso seio este cantinho cubigado.

Portugal obedeceu á força de um destino infesto; mas este povo não foi subjogado nas grandezas de um ser intimo, que o eleva acima d'elle proprio.

Ao son dos hymnos da liberdade passou deante dos carros triumphaes dos seus caudilhos, com os pulsos acorrentados pela tyrannia dos vencedores. Em nome da liberdade perdera a liberdade, mas ficara-lhe indelevel o sentimento de si, recondito mas firme na propria consciencia.

As instituições podem carecer da revolução; a opinião só carece e tem a liberdade. A revolução impõe-se, a opinião reflecte; a revolução mergulha-se em sangue, a opinião resurge n'uma idea, fluctua acima dos factos, em um sentimento, em uma faculdade universal.

E na opinião está um germen do futuro. Quem a não souber satisfazer, não lhe sabrá fugir.

As instituições que se fundam em uma idea grandiosa não carecem de se erguer sobre um edificio de odios. Na harmonia, na conciliação, na unidade encontram a sua mais duradoura garantia.

A revolução liberal veio a Portugal de mão armada. Abriu caminho pelo coração do povo, passou por cima dos cadaveres, e assentou-se insolente sobre as ruinas de um brilhante passado. Os seus hymnos desafinaram-se ao son de gemidos. Ao desenrolar-se sua bandeira, vio-se orvalhada de muitas lagrimas, salpicada de muito sangue.

O seu primeiro movimento foram constrangimentos, extorsões e tyrannias.—Assim tem vivido, assim ha-de morrer. A revolução ao nascer estava julgada. A opinião não pôde modificar-se senão onde os interesses mesquinhos se poderam saciar.

Onde a moderação não chegou, abi começaram as reacções; e estas, quando germinadas pelas oppressões, no coração dos homens se perpetuam.

Quando as oppressões devastam uma geração, passam sobre as seguintes como um pesadelo, que mortifica sempre, em quanto

ellas se não apossam de si proprios. O leão que despertado se ergue senhor de si, saccode a juba e caminha intemerato.

Essas gerações são impellidas para fóra da lei pelos resentimentos e pela vingança, pelo terror e pelos odios, pelo furor e pelo remorso. No seu movimento convulsivo não são ellas a paixão sanguinaria, são a justiça. Não tem um facho que as conduza e incendia, tem apenas um dever intimo, que não pode esquecer-lhes na melancolica vitalidade de todas as suas impressões pelas tristes mas queridas memorias do preterito.

O alvoroço d'essas gerações não é uma causa, é uma necessaria consequencia, aconselhada pelo instincto, forçado pelo dever, sustentada pela irresistivel potencia das grandes intenções.

Não estranhem portanto ao partido legitimista que se erga do seu abatimento de meio seculo. Não estranhem á geração actual que cumpra um dever sacrosanto, tomando sobre seus hombros a pesada responsabilidade de um renascimento de honra e de patriotismo.

O grito de descontentamento não parte só do nosso campo. Aqui houve gemidos de uma dôr profunda: agora ha tambem uma voz de concordia e de união, de reconciliações e de esperança. Houve aqui sempre um pensamento intemerato pela patria, agora ha com elle uma decisão de movimentos uniformes pela salvação commum.

No campo liberal ha desiludidos, e ainda ha patriotas. Homens de boa fé que se embalaram nos cantos da serêa, mas que se desannuviam á luz esplendida dos desenganos. Esses homens hoje reconhecem a necessidade de uma coisa nova, que tenha por base a ordem que desejam, a moral que lhes é saudosa, a religião e a honra, que ainda lhes são queridas.

Existia nos partidos liberaes por assim dizer o instincto de um partido novo. Em todos os campos se sentia como que a voz conscienciosa das intenções justas clamar por uma bandeira de conciliação que unisse a familia portugueza sob o regimen de um governo sensato e patriótico. Em meio das facções liberaes olhava-se em redor, e não se via senão terreno arido; queimados e penhascos.

Presentia-se que uma geração esforçada se levantaria ainda sem rancores nem preconceitos, sem egoismos nem enganos. E essa geração chegou! Eil-a!

Um partido novo que não é uma fracção mais. Uma nação rejuvenescida, uma causa levantada, uma gloria divisivel por todos os filhos da patria portugueza! Que outra aspiração pôde caber em peitos leaes, que outro pensamento pôde mais efficientemente preoccupar uma rasão illuminada?

Que receios podem atemorizar o partido liberal?

Finalmente, depois de tres longos dias,— tres seculos!— chegou uma caixa com destino á menina; immediatamente a leva correndo, e, a sós, se apressa a abri-la.

Offereceu-se-lhe primeiro á vista um pacote cuidadosamente embrulhado, com o n.º 1: abre-o com precaução. Palpitava-lhe com força o coração; que ia ver?...

Encontrou primeiramente um modesto, mas fiel espelho,— que, segundo a promessa de sua boa mãe, lhe mostrou o que ella era: a sua juventude, os seus atractivos, os encantos da primavera da vida.

Mas que poderia conter o segundo pacote, que parecia maior e mais pesado? Abriu-o com anciedade, e encontrou... uma caveira! outro espelho não menos fiel do que ella havia de ser um dia.

A vista de semelhante objecto era propria

O movimento legitimista aspira á restauração de um direito e não á restauração de uma epoca ou de uma formula. O partido legitimista é de hoje e será de amanhã. Só a má fé lhe pôde attribuir preconceitos que elle despresa e anachronismos que elle regeita.

O partido legitimista odeia a revolução; a liberdade não. A liberdade que é o direito, a liberdade que é a justiça, a liberdade que é a ordem, a liberdade que é a patria, essa queremol-a, e querem-na todos os homens sinceramente progressistas.

É necessario que se distinga bem entre a revolução e a liberdade. As formulas liberaes não repugnam ao partido legitimista, por que é n'ellas que se funda todo o seu direito: o que lhe repugna, o que é incompativel como elle são os excessos da liberdade, a licença, é a anarchia, que se fizeram caracteristicas da revolução.

Se Portugal houvesse carecido de transformar as formulas politicas do antigo regimen podiam tel-o feito dentro da dynastia legitima. O que se fez não foi exigido pela necessidade de se cambiar de systema de governo, foi pela necessidade de se usar de um pretexto para se fazer uma usurpação.

Se o snr. D. Pedro amava tanto o systema liberal que o desejava offerecer aos portuguezes como um grande bem, porque não propoz elle a seu augusto pae essa metamorphose, antes de lhe arrancar da corça a sua melhor joia? É que o snr. D. Pedro caminhava de ambição em ambição. Com a mesma espada com que rasgava a bandeira portugueza em nome da liberdade, rasgaria, se podesse, a bandeira de outro qualquer paiz em nome do absolutismo. Para o snr. D. Pedro as formulas serviam apenas de negação.

Se a nação portugueza tivesse premanecido independente de estranhos predomínios, haveria seguido de seu moto proprio o curso da epoca, libertada das intrigas, e conspirações que durante o reinado do senhor D. Miguel lhe tolheram todo o desenvolvimento. Sem duvida se haveria transformado o governo absoluto, se o paiz o houvesse desejado, dentro da sua propria acção, apoiado e protegido pelo seu legitimo rei, subsistindo a paz, e a moral.

Não são as nações pertença dos reis, são os reis pertença das nações. O sr. D. Pedro que já não era portuguez impoz-se com as armas á nação portugueza. Para o poder fazer carecia de um apoio que não encontrava senão na revolução, que então apenas habitava alem dos Pyreneos. Foi ali buscar a planta exotica que tinha a offerecer a Portugal como um atractivo, embora envenenasse com ella a vida tranquilla e honrada da nação.

O que abi ficou foi a sua obra, hybrida e sempre repugnante á parte mais numerosa do paiz. Os governos que se levantavam

para fazer reflectir. A menina começou a comprehender a lição que lhe queria dar a mãe, e contemplou por mais tempo o segundo espelho que o primeiro.

Restava o terceiro pacote.

Comprehende-se que, depois do segundo, devia a menina experimentar algum receio ao abri-lo; comtudo, disse consigo que não podia conter o objecto mais atterrador, e a mão desfez o envolvero. Escapou-lhe um grito d'alegria, encontrando entre um sedozo estofo uma deliciosa estatueta que representava a Virgem Maria, typo e modelo d'ê toda a virtude.

—Eis o que eu devo ser, exclamou, e a quem devo assimilar-me com a graça de Deus!

Ajoelhou-se e orou por muito tempo.

FOLHETIM

OS ESPELHOS

Uma menina educada com piedosos sentimentos, mas em quem não obstante surgiam ás vezes pensamentos com um leve cunho de vaidade ou de garridice, escrevia um dia á mae:

«Minha mae, desejava muito ter um espelho de toucador: é um objecto quasi indispensavel, que mais d'uma vez me faz falta. Confio pois na sua bondade, e espero, confesso-lhe com toda a sinceridade que não sem alguma impaciencia, a remessa d'este pequeno objecto, que sem duvida tem sua utilidade.»

No dia seguinte, recebeu a menina da boa mãe esta reposta:

«Minha querida filha, não só te mandarei o espelho que me pedes, mas em vez de um que solicitas de mim, receberás tres...»

—Tres!... disse a menina interronpendo-se. Que significa isto?...

Continua a leitura.

«No primeiro espelho, verás o que és; no segundo, o que has de ser; finalmente no terceiro, o que deves ser.»

A joven caminhava de surpresa. em surpresa. Quando terminou a carta, deu livre curso ás suas conjecturas; nada porém a satisfazia; força lhe foi pois esperar, e a espera é bem longa aos dezeseis annos! Assim é o que contou os dias, as horas, os minutos que decorreram entre a recepção da carta e a remessa que esta lhe annunciava.

sobre o edificio da revolução encontraram disculos onde a dependencia ou o servilismo os podia produzir.

Estes disculos e seus descendentes, são os partidos militantes de hoje.

Quem sair d'elles, não sae pois da liberdade, sae da revolução. Não sae do paiz, sae para o paiz.

Os homens de boa fé que n'aquelle campo não tem nem crenças nem esperanças, não renegam mais que a revolução e os homens da revolução. São elles os que dizem—*«não foi para isto que nós trabalhamos!»* Conservam no fundo do coração um germe de justiça e religião de honra e de patriotismo, que não pôde habitar os outros da revolução.

Buscam um ubi: não pode responder-lhes o vacuo, quando existe cheia de vida uma nação que se move.

Não se lance á conta das ambições vis as esperanças e a actividade actual do partido legitimista. Esta actividade está na opinião nas aspirações geraes, nos desenganos de todos, e nas necessidades communs. Não se arreiem de nós, que os nossos actos não vão ferir as idéas grandes, nem os intuitos nobres, nem o merito, nem serviços a que o paiz é reconhecido. Os nossos golpes vão todos a um só alvo, e este é essa criação medonha, que vive nas ruínas e medra na podridão.

Não queremos para uma geração nova uma vida velha. Sobre uma cabeça de vinte annos não havemos por um chinó grisalho.

E ha no paiz tres crianças o progresso a moral e o povo.

O «CONSTITUINTE»

Depois dos appellos feitos ao governo pelo *Primeiro de Janeiro* contra o movimento que se está operando no partido legitimista, vem o nosso amavel collega do *Constituinte*, clamar evocando as iras dos poderes contra a nossa attitude.

Cabe-nos o dever de acceitar o repto a campeão tão cavalheiroso, que de viseira erguida e lança em riste vem ferir-nos de flanco. É para nós honroso abrir combate com quem tão galhardamente se propõe pugnar.

O *Constituinte* não acha justo que o partido legitimista se mova nem se agrupe, nem pense, nem discuta, nem aspire!

Pouco coerente é isto para quem usa em seus escudos um timbre, com que inculca muito zelo pelo alargamento das franquias liberaes.

O *Constituinte* representando uma escola, mais rasgadamente liberal do que actual, não sabemos com que conceitos pôde reprovar que o partido legitimista exerça dentro da lei todos os direitos que a *Carta Constitucional* garante a todos os cidadãos portuguezes. Se no exercicio d'este direito existe um perigo social, elle existe tambem na lei fundamental do Estado.

E diz o *Constituinte*:

«Um governo liberal tem o indeclinavel dever de vigiar pela integridade das leis e pela defeza do regimen que representa, e não é devassando a consciencia dos funcionarios publicos que aquelle imperioso dever se cumpre.

O empregado publico não é um familiar dos ministros, mas um serventuario da nação; e n'esta qualidade a sua obrigação é cumprir com os deveres do seu cargo não offender a constituição politica da nação que lhe paga o estipendio convencionado.

O que porém é inadmissivel, senão até immoral, é que o funcionario publico conspire contra o systema politico por que se rege a nação.

E quer-nos parecer que se o governo tratar de averiguar o caracter politico dos individuos que actualmente militam nos grupos conspiradores tanto miguelista como republicanos, ha-de reconhecer que uma grande parte d'elles pertencem á burocracia, e muitos ha collocados nas melhores posições officiaes.»

Ora o collega contradiz-se flagrantemente n'estes periodos monumentaes.

Se o *Constituinte* entende que não é devassando a consciencia dos funcionarios publicos que os governos devem cumprir o dever de velar pela lei e pela integridade do regimen que representa, como é que pede ao governo averigüe o caracter politico dos funcionarios publicos, que o collega diz pertencerem aos partidos a que se refere?

Se os governos tivessem de seguir tão tyrânico alvitre, que seria do *Constituinte*!?

O que era em 1867 o honrado e digno

chefe do partido constituinte? Acaso não era um funcionario publico, e não sahio elle dos clubs populares onde se conspirava com os republicanos contra o governo constituido? Não obstante a sua posição de funcionario do Estado não saltou o penicheiro por cima da sua posição official e dos sabres da guarda municipal de Lisboa? Ou a guarda municipal estava fóra da lei embargando o passo ao Sr. Dias Ferreira ou sua Exc.^a estava fóra da lei rompendo as linhas da força publica em nome das suas immunições de deputado da nação.

E o *Constituinte* entende que a posição do funcionario da nação (que é um simples cidadão, independente dos governos e dos systemas) do funcionario que não fór uma entidade de confiança dos governos, seja mais melindrosa do que a dos officiaes e praças do exercito? Cremos que não. Pois lembre-se o collega de que o partido constituinte nasceu do governo de 1870. Formou-se dos amigos d'aquella situação, que pouco antes cahira. O illustre chefe dos constituintes fóra ministro com o Duque de Saldanha, e aquelle governo sahido de uma revolta militar e popular, solidario em todas as responsabilidades d'aquelle facto politico, galardou os officiaes e sargentos, que, com offensa da lei e da disciplina, conspiraram e se insurrexionaram contra o governo constituido, contra o governo, que era o representante do regimen que ainda hoje vigora.

O partido constituinte, e por conseguinte o seu orgão, não pôde declinar das responsabilidades que cabem ao seu chefe, nem nos parece digno que esteja estigmatizado nos extranhos, factos identicos aos que lhe passaram por casa.

Mas dirá o *Constituinte*: «O nobre chefe do partido constituinte, veio, é certo, das officinas, da *Janeirinha* mas a *Janeirinha* combatia um governo, não combatia as instituições e a dynastia.»

O *Constituinte* não poderá esquecer que do seio da *penichada* sahia tambem a *Lanternina*, e que aquelle organ da democracia penicheira atacava ardentemente a dynastia e as instituições. A revolução do 1.^o de Janeiro parou ás portas do paço, mas não abjurou das suas idéas, nem se penitenciou dos seus actos anteriores. Ora o Sr. Dias Ferreira foi no governo da *Janeirinha* o representante da *penichada*, e se foi ministro, foi por que aquelle grupo politico *olimpoz* á formação d'aquelle gabinete.

Aqui tem pois o *Constituinte* uma prova de que nem sempre são dignos de vigilancia e de punição os empregados publicos, que não pertencem aos governos, nem hajulam as instituições que são repugnantes ao paiz que elles servem.

Ora o collega não se limita a aventar uma doutrina e a reclamar umas violencias contrarias até á sua coherencia politica. O *Constituinte* chama-nos *conspiradores*, e para isto não nos aponta outros factos senão a nossa união e a hombridade com que expomos as nossas opiniões e as nossas esperanças.

Isto não é nem leal nem cavalheiroso. Se unir é conspirar, tambem nós conspirámos em 1870. E o que tem mais valor é que conspirámos a pedido do então ministro do reino, que, se bem nos recordámos, era o actual chefe do partido constituinte.

Pois não se lembra o *Constituinte* de que n'essa epoca, mesmo em Braga, vieram pedir-nos o nosso apoio para a lucta que se ia travar junto da urna, e que para esta reclamavam a união e a força do partido legitimista?

Se a nossa união e o nosso movimento são um crime, não podemos esquecer a honra que nos fizeram os constituintes sendo então complices na nossa *conspiração*.

Bem vê o nosso presado e digno collega, que não olvidamos estes contactos em que a historia nos colloca para devidamente apreciarmos as suas temerosas considerações. Collega, não creia que o partido legitimista, refazendo as suas forças e unindo as suas hostes tente conspirar. Quem conspira é o *Constituinte* desacreditando as theorias liberaes, quando nos quer privar do direito que tem todos os partidos de se agruparem e de trabalharem dentro dos limites que as leis lhes marcam.

É justo que o governo tenha vigilancia pela ordem; porém emquanto á luz do dia nós exercemos um direito sacrosanto, não pôdem deixar de nos respeitar; a menos que não queiram rasgar as leis cuja defenza e resguardo o *Constituinte* aconselha.

É reparavel que o collega só agora acordasse pelas instituições.

Nunca o seu toque de rebate se fez

ouvir senão agora que pretendem envolver o partido legitimista nas suspeitas que o collega aleivosamente lhe dirige. Em quanto organizado em ordens secretas, levantando a cabeça nas escolas e nas assembleas populares, subornando, caminhando pelas casernas e pelas praças, na imprensa e nos livros, nas chafaricas e nos comicios, o partido republicano era o unico que apparecia em campo, não leve o *Constituinte* uma palavra, ao menos para protestar contra as demasias da canalha. Agora, por que pretende restaurar as masmoras em nome da inviolabilidade dos direitos, a lei das rolhas em nome da liberdade do pensamento e da palavra, as perseguições em nome das garantias, os exclusivismos em nome da liberdade de reunião, traz a lume o partido republicano de envolta com o partido legitimista, como se nos coubessem iguaes responsabilidades por causas identicas!

Tenha paciencia, collega. O golpe não vem certo; resvala em uma couraça que se chama — bom senso — e volta em recobete para a mão que o despede.

Em vespuras de subir ao poder o partido constituinte, bom é que o seu organ vá manifestando qual o espirito de que vem animado. O paiz ha-de agradecer-lhe quando fór ensejo opportuno.

O *Constituinte* ainda termina do seguinte modo o seu alludido artigo:

«Embora não nos intimidam esses espectaculos apparatusos de forças que o grupo miguelista tem ha tempos ostentado entre nós; embora saibamos que os mesmos cor-religionarios do antigo regimen não duvidam asseverar que o momento da sua resurreição está cada vez mais longinquo, não é prudente fechar os olhos a essas tentativas, porque a fatalidade tambem tem seus caprichos, e um inexperado e improvavel successo pode alimentar o incendio e ser preciso depois recorrer aos meios extremos para o reduzir e debellar.»

Ora d'aquí o que se conclue?

É que o *Constituinte* se não intimida, mas que tem medo; é que o collega *sabe* que nós julgamos o nosso triumpho cada vez mais distante, mas que crê que de um momento para outro podemos triumphar!

Estas contradicções tão frisantes demonstram até á saciedade que o *Constituinte* está aterrado e fóra de si.

Quando isto é apenas por que nos colligamos dentro da esphera da lei, o que faria o collega se nós, seguindo os exemplos do partido constituinte, nos fossemos um dia impôr ás portas do paço? Sem duvida se fechava em casa, e adeus *Constituinte*!

Bem se vê que o *Constituinte* tem grandes peccados. O reprobo, que foragido pretende escapar á justiça dos homens, encontra em cada desconhecido um esbirro, em cada sombra uma espia, em cada ruido uma perseguição.

Tranquillize-se collega. O futuro ha-de absolvel-o. Se chegar o tal inesperado e *improvavel* successo, havemos ter um logarsinho para os homens de bem, e o collega estará ali á vontade se quizer.

RELIGIÃO

A INSTRUÇÃO SEM DEUS

IV

Ao começarmos este quarto artigo sobre um assumpto do maior momento, não podemos deixar de recordar-nos com terror de estas phrases de um livro celebre: «... Engolfam-se no tenebrozo abysmo da indifferença, onde o crime, estupidamente tranquillo, adormece nos braços da voluptuosidade, aos pés do horrendo idolo do nada.»

Se estas terriveis palavras de Lamennais tem justissima applicação, é aos paes que não curam devidamente na educação dos filhos, e aos filhos que receberam uma educação falsa e viciada por culpa de paes indifferentes ou perversos.

Similhanes paes, além das rigorosissimas contas que hão-de dar a Deus, — porque, por mais que busquem illudir-se, não termina tudo n'este mundo, — contraheem uma responsabilidade tremenda para com a sociedade, á qual preparam monstros de immoralidade e perversão; a si proprios criam futuros desgostos, creando futuros criminosos e depravados.

Porque é que hoje é tão raro encontrar-se o verdadeiro espirito de familia, base do bom espirito social, senão porque as educações modernas são frivolas, relaxadas, repletas de erros e de maus exemplos e pes-

simas praticas? Se são tantos e tão grandes os perigos e as seducções do mundo, que a meudo cahem os mais bem apparelhados e fortalecidos por uma bem entendida e solida educação, que não succederá com aquelles que a receberam errada, futil e contaminada?

Sobre este ponto muito teriamos que dizer; mas devemos cingir-nos ao nosso presente objecto.

Muitissimo influe no porvir do individuo a escolha dos mestres que lhe deram, e a especie de instrução que recebeu. O bom mestre, — e entendo por bom mestre não só o convenientemente habilitado nas materias que ensina, mas o que a esse predicado reune os de religioso e morigerado; — o bom mestre tem sempre occasião de encaminhar bem a intelligencia do discipulo, ministrando-lhe instrução clara e sã; por outra parte, o mau mestre pôde a cada momento abusar do seu ministerio para corromper o espirito do alumno, inculcando-lhe principios immoraes e impios ou quando menos de duvida e indifferença.

Sendo isto certo, — e cremos que ninguem o impugnará, — que rigorosa attenção, que severo cuidado não devem empregar os bons paes na eleição de mestres para seus filhos? Ha muitos, mercê de Deus, que fazem quanto cabe em suas forças por conseguil-o, já dando a seus filhos a instrução em sua propria casa e ante seus olhos, já buscando-lhes collegios dignos de toda a confiança, que ainda os ha felizmente.

Porém farão muitos outros, talvez o maior numero, o mesmo? Procurarão indagar, não só se em tal ou tal collegio se preparam bem os alumnos para os exames, senão tambem e principalmente se o director é pessoa piedosa e honesta, e se os professores possuem as mesmas qualidades? Sabemos de casas chamadas de *educação* que melhor se denominariam de *depravação*; e todavia não lhes faltam alumnos nem elogios nos jornaes. Sabemos de estabelecimentos de instrução onde ensinam homens bem conhecidos pelas suas doutrinas dissolventes e — *positivistas*, e contudo não nos consta que os nomes d'esses professores, annunciados nos periodicos, sejam causa de que muitos paes afastem os filhos de taes focos de corrupção intellectual.

Ao contrario sabemos de não poucos paes que desviam ou retiram os filhos ou filhas dos collegios real e praticamente catholicos, dizendo que não querem nada com *Jesuitas*, que é hoje o termo com que designam a quem conserve a fé catholica e não se envergonhe de a confessar e seguir em publico os seus santos preceitos! E esses mesmos paes, tão indignos d'este nome, preferem collocar os filhos ou filhas em collegios de honestidade duvidosa, e até em casas protestantes, onde a educação e instrução religiosa é, quando menos, nulla!

E dizemos *quando menos*, porque d'algum sabemos que, sem embargo de prometter que porá de parte o que diz respeito á educação religiosa, que pretende deixar aos paes, é um foco de propagação protestante: d'onde resulta que as crianças voltam a casa com idéas anti-catholicas, ou pelo menos eivadas da duvida — ou do indifferentismo. Confiar os filhos aos cuidados de taes preceptores, não é entregal-os á educação sem Deus ou em que Deus é substituido por satanaz?

No decurso da vida encontram-se innumerados escolhos: escolho da incredulidade, escolho do atheismo, escolho das más leituras, escolho das companhias perigosas e muitos outros. Poderá a juventude educada e instruida sem Deus vogar sem risco pelo meio d'esses escolhos, ou terá certo o naufragio em qualquer d'elles?...

Mas a instrução de grande numero de individuos não termina no collegio ou no lyceu; vão seguir cursos superiores, e ahi não faltará quem lhes falle muito de *sciencia* e nada de *fé*, e até mesmo lhes ensine que a fé está em antagonismo com a sciencia. Novo e enorme perigo: quantos entram n'uma eschola superior cheios de innocencia e de piedade, são fructos da educação e instrução anterior, os quaes perdem em breve por effeito do veneno que sobre elles se distilla quotidianamente da cadeia magistral?

Aquelle — supposto antagonismo é uma das grandes mentiras da epocha, a qual não obstante engolem os que se mostram invencivelmente incredulos para as verdades da religião. Temos direito de pedir primeiro que tudo á verdadeira sciencia a confirmação da nossa fé, diz Léon Gautier; e é esta, a bem dizer, a missão especial e a honra particular da sciencia. Provar Deus, provar Jesus Christo, provar a Igreja, tal é a

triple função para que nos é preciso fazela servir. Ao dedicar-nos ao estudo da historia, da chimica ou da geologia, sabemos, de fonte absolutamente certa que ha um Deus, que este Deus se fez homem, que instituiu uma Igreja infalivel, e que nenhum facto scientifico póde jámais destruir estes factos necessarios e divinos. Então pomos mão á obra; e involuntariamente, quando lemos as nossas velhas cartas, quando dispomos os nossos alambiques, quando analysamos os nossos terrenos secundarios ou terciarios, fazemos reverter á Verdade amada os testemunhos de todas as sciencias. As sciencias naturaes servem para nos provar Deus; as sciencias historicas para nos provar Jesus Christo e a Igreja. Não me peçaes que me esqueça da minha fé, quando tracto de sciencia. Não me digaes: «A fé é uma coisa, e a sciencia é outra.» É esse um abominavel separatismo.»

É esta a verdade, mas não é certamente o que se ensina em muitas cathedras superiores. É necessario, pois, que os bons paes, ao lado d'esse venenoso ensino ministrado a seus filhos, quando seja inevitavel, tractem por todos os modos de pôr o ensino são e puro, que lhe vá neutralisar os perniciosos effeitos, e conserve na alma de seus filhos a preciosa flôr da fé e da moral.

Se assim não fizerem, qual será a scena que se passará sob um tecto aonde o filho volte depois de ter sido educado e instruido sem religião? Ao apertal-o ao coração, poderá a mãe dizer comsigo: «Não tenho receio algum a seu respeito»; e poderá pensar o pae: «Elle recebeu lições de fé e de abnegação»? Oh paes insensatos, não penseis, não espereis ser amados e respeitados por filhos, instruidos em taes condições; não confieis em que formastes cidadãos uteis á patria, pois terais creado malvados que lhe profunde a sepultura, e talvez a vós tambem...

Concluiremos.

A. Moreira Bello.

AO

ANNIVERSARIO DO SENHOR D. MIGUEL II

Surgiste á luz qual astro rutilante
Para ser nosso apoio, nosso abrigo
Para ser do throno contra o inimigo
O mesmo que David contra o Gigante.

Já não tens entre nós nome de Infante
Tens o nome de Rei e Pae amigo,
Tens o nome (com alegria o digo)
De Anjo Portuguez, da patria amante.

A nossos braços volve penhor caro
Acharás, como eu, mil realistas
Vem ser o nosso escudo o nosso amparo;

Ah! longe de nós não mais existas,
Attende a nosso triste desamparo
A' nossa dôr, e pranto não resistas.

19-9-82

C. N.

CORRESPONDENCIA

Amares 4 d'Outubro de 1882

(Do nosso correspondente)

Vou perfilhar a hyperbole d'aquelle hespanhol, que ao ser encontrado só, estropiado, desarmado, e inteiramente inutil, e perguntando-lhe alguém «onde se marcha usted?»—De refuerzo á Munillo—responde elle, com aquella arrogancia peculiar a todo o hespanhol.

Pois, com a mesma balôfa intenção, e em perfeita paridade com o estropiado Quixote, cá me vou de refuerzo ao Murillo de Villa Verde, ao desancador dos salafrarios, ao seu assiduo correspondente.

Levem-me em conta da minha estolidez a posição forçada em que me encontro, para ataviar estas linhas, debruçado n'um rochedo frechado por este abençoado sol outonico, em pleno monte de Castro, e arrelhado pela minha canzoada de coelho, com quem sustento guerra continua de bico de sapato, para me deixar escrever, e me furtar ás caricias, lambedellas, e toda a sorte d'amabilidades d'estes rafeiros.

No entretanto sou injusto e cruel para com estes pobres diabos, que trouxe ao monte para me conseguirem um saboroso acepipe, e a quem maltrato agora, para me deixarem chubar uma caça original, para que elles não teem narizes, e que realmente não merece a quicima d'uma escorva.

E, certo,—que valem estes raposos da minha terra, e ainda os de Villa Verde, ao pé d'um coelho roliço, agil, azougado, que a matilha fareja na mouta, e que a minha espingarda derruba na vertiginosa fugida em zig-zags por entre o matagal?...

Sou um inconsequente a toda a prova; mas vou ceder á tentação de rabiscar uns oitavos de papel, que me sobrou das buchas da escopeta, para carregar os prelos do seu jornal que, permitta-se-me o confronto, é um soberbo *reife*, apontado á desordem, e ao vicio da sociedade corrupta!

Que os morgados de Provezeze não gostem da sua doutrinação, e tantos outros casquilhos, que vão lambendo os pratos á meza da anarchia, que importa isso?

Quando ao tribunal do povo subir o agravo dos *Salamancadas*, das *Falcoadas*, e d'outras que taes tratadas e tratantadas, filhas legitimadas d'estes portuguezes escurios, semilhantes harpias levarão tal *cacholeta*, que nunca mais, por certo, se atreverão a mendigar votos por este solo talado pelos seus desperdicios e desatinos.

Vá levando a sua Cruz até ao Golgota de todas as amarguras, que a redempção das suas idéas justificará a sua doutrina pura, e a sua Espada flamejará ao lado da justiça e do bem da humanidade.

Na esphera relativamente pequena d'uma correspondencia eu aguilhoarei como poder e souber estes malandros, embotados no crime; e quando os não faça côrar de vergonha, que elles perderam, ou nunca tiveram, ao menos são contos, que um dia se lhes tomarão,—quando a ladroeira não seja moda, e que possa cada um levar as suas queixas a homens, que vejam o roubo como um crime, e não como *virtude necessaria* para as desenfreadas necessidades d'elles

Abro, por tanto, terreiro para bater a maroteira, no mesmo campo em que a bate o destemido Villaverdense, e a cada um os espinhos e as flores que resultarem da empreza.

D'este meu ponto d'observação lá descortino ao longe o bojulo Pinto Barbosa, palitando as febras da gallinha que almoçou, e cuspiendo a saliva engenebrada com que acondimentou a ave desditosa. Vai trabalhar, preguiçoso, que o povo não está obrigado a levar te a *mosca* sem tu a mereceres, e só porque o fitas desdenhoso com essas lunetas lunaticas. Não quero que sejas *trabalhador* como o Placido, que fazia ao luar, e na eira da fidalga da Ribeira, o testamento d'esta, trez dias depois d'ella morrer: mas sim que aprendas do teu brioso companheiro Saldanha como se pode ser bemquisto dos teus superiores, e de todo o povo, que o respeita e estremece.

A cúpula dos paços do conelho de Villa Verde tambem me está d'acolá a provocar duas penas...

É certo que aquelle monumento d'architetura estragada não creará reputações como o nosso—*theatro*?—em construcção entre os pinheiraes; mas a posteridade ha de por certo alçar o Pimentel, escrivão da camara, a coroar aquelle primôr de tanta asneira.

Concordem os responsaveis d'aquelle aleijão mental nos seus planos de verdadeiro *artista*, e Villa Verde será prodiga em monumentos para todos,—contanto que caibam no telhado.

Um dia aquillo transforma se n'uma galeria de parvos, quando uma bem entendida providencia não determine se colloquem ferros em todas as portas e janellas, e apropriem aquelle casarão a um outro Rihafoles.

No dia corrente fervilha no bestunto do *asnogromo* uma idéa luminosa: de que se esborõem os estuques da claraboia, e se faça um chalet!...

Nada que melhor dê, na simplicidade com que o refiro, uma perfeita idéa de como está o miolo d'aquelle tolo, e que bridão é necessario para não esbarrar Villa Verde, a cavalleiras d'aquelle sendeiro!

O homem, depois de feito o chalet, que-rerá ali um restaurante, e um bilhar, para carambolar com a sympathica visinha... E nada mais justo, não lhe parece snr, doutor Ribeiro?

Tem coizas, snr. *asnogromo*!...

Peça guita aos *Cambaristas*, deite tudo abaixo, e construa a seu gosto um pavilhão chinês, para que achará bonitos modelos na loja do Cachapuz de Braga, em gaiolas de canarios. Depois, um poleiro de lado a lado, e o amigo, por noite de lua cheia canta de lá á visinhança:

O ladrão do negro melro
toda a noite repio-pio...

Esteve entre nós algum tempo aquelle ratasana do Teixeira, escrivão na Barquinha, antigo discipulo do Fiuza, filho do Zé Bento, e cuja móca nunca será esquecida dos seus companheiros de noitadas.

Não lhe pude ir dar um abraço; mas d'aqui lhe dirijo as boas idas, com boa pinga.

Longe estava eu d'imaginar que, ao regressar do monte de Castro, tivesse que noticiar-lhes o caso mais horriavelmente caracteristico, de como a devassidão é o germen dos peores males da sociedade, o cancro que devora todo o sentimento do bem, e o abysmo de perdição do maior numero onde se arreiga.

O seu correspondente de Villa Verde, por mais dura que tenha sido a sua fraze contra os *miseraveis*, que têm pretendido moralisar, nunca poderá dizer o bastante, nem em mal se lhe poderão tomar as suas correções, porque a indulgencia para certas faltas é tambem um crime, e o menospreço com que nos habituamos a encarar o vicio é nada menos que a prevaricação dos nossos proprios instinctos.

O caso que, por horriavel, vou narrar-lhes com a maior simplicidade, é este:

Custodio José Affonso, homem laborioso, de natural docil e prudente, e por extremo economico, juntára no Brazil uma pequena fortuna, e viera estabelecer-se no logar das Neves freguezia de Rendufe, d'este concelho, onde casou com Maria José Gomes, rapariga bem apessoada, e filha de paes honestos. Do matrimonio que se realisára ha uns vinte annos, haviam trez filhos:— Jozefa Roza, de dezoito annos, Antonio, de 15, e Olivia de 7.

A mulher, ao passo que o marido era poupado, e bom chefe de familia, era ella dissoluta, golosa, e sobretudo viciosa, havendo ha muito quem soubesse de factos d'adulterio do maior desvergonhamento.

Ultimamente, abi por ao pé do dia 29 d'agosto passado, e em seguida a uma pequena altercação em familia, que mal transpirou aos visinhos,—desaparece o Affonso, e começam de correr as mais contradictorias versões, adrede espalhadas pela mulher, a respeito da existencia do marido.

A uns dizia que estava no Porto, a outros em Lisboa e ainda que tinha embarcado para o Brazil, d'onde lhe escrevera a dizer-lhe que se tratasse bem, que se não entristecesse, que não mudasse de vestidos, porque um dia breve a viria abraçar.

Neste meio tempo o povo, cuja voz é muitas vezes a voz de Deus, fallava supersticiosamente da morte do infeliz, e cada dia mais corpo tomava o boato, que a justiça aproveitou, dando hoje uma busca minuciosa na casa e terras da vivenda do desgraçado.

Como se havia previsto, a infame adultera, de certo coadjuvada por cúmplices, estrangulára o marido, quando elle dormia, abreviando-lhe mais a vida por compressão dos orgãos genitales, e o foi enterrar no eido, junto a uma parede, n'uma cova profunda, e onde quasi por milagre foi descoberto.

Vestia camisola de malha, camisa de chita, ceroulas e meias. O cadaver estava em putrefacção; mas em perfeito estado de se evidenciar o horriavel d'aquelle morte cruel.

A criminosa consta que se evadiu com a filha mais velha, sobre quem tambem recahem suspeitas de cumplicidade, sendo prezo o rapaz, que se diz estar innocente, porisso que vivia o mais do tempo com o avô.

Eis o que me informaram de momento, e que eu me apresso a transmittir-lhes, prometendo-lhes os mais verlaideiros esclarecimentos sobre este drama tragicamente doloroso.

Aos magistrados, que tão bem se houveram n'esta obscura tarefa, os meus cordeaes louvores; e em nome da sociedade conternada lhes peço o mais escrupuloso empenho, para que se desvende todo o mysterio, e caiba um formidavel castigo sobre todos os culpados.

A.

NOTICIARIO

Ao Pimpolho da «Lucta».— Quando tinhamos composto o artigo do nosso numero passado, chegou-nos ás mãos o numero 207 da *Lucta*, trazendo o artigo promettido pelo chronista Pimpolho.

Lemol-o todo, e apenas d'elle podemos espremer uma substancia: o Pimpolho quer *meio*, e canta ao *bago*. Bem se vê que o Pimpolho foi inspirado no mez das vendimas.

Então sr. Viriato Pimpolho que é *aguillo* a que o famoso Pimpolhinho chama engraçados disparates?

De mais a mais o desgraçado nem sabe ler, nem entende o que lê, e muito menos o que escreve. Desde a primeira á ultima linha, o pobre diabo não diz senão destemperos.

Senão, vejam. Entre outras parvoices diz:

«O pendão azul e branco é *symbolo* da liberdade augusta. Se a causa liberal fór vencida, fica no *obscurantismo*. Sonhos verdes. A rotação do globo é lei astronómica Newton. O impossivel não se pode realizar etc. etc. etc.» Uma *bola* pintada de azul e branco

Isto é em quanto a forma. Em quanto a idea fica o sr. Viriato Pimpolho a perder de vista!

Pois elle não diz que a nação portugueza, vencida pelos 7500 do Mindello, se compõe de 250 pessoas?! Pois, foi para vencer tão pequeno numero que vieram aqui os exercitos da quadrupla?

O pobre homem ignora a historia até ali! Temos pesar de não conhecer o Pimpolhino para lhe darmos um conselho em troca do que nos dá a nós. Vá para a escola, aprenda e quando souber alguma coisa, volte para a *Lucta*, ou para sitio melhor. Boas noites snr. Pimpolho.

Lucto.—O partido legitimista confraternisa hoje em França e Hespanha no lucto e no sentimento pela morte de uma dama illustre a quem a causa da legitimidade deve muito.

Na formosa Biersitz falleceu ha dias no seu elegante palacio a snr.^a duquesa de Parma, filha de Fernando II de Napoles, e casada com o snr. Duque de Parma.

Sua Alteza ia ser mãe no momento em que foi surpreendida pela morte. Seu filho póde ainda ser extrahido vivo, e foi baptisado, fallecendo pouco depois.

Aparentada tão de perto com a snr.^a D. Margarida de Bourbon, heroica esposa de Carlos VII, de quem era intima amiga, a morte da augusta princeza deixa um golpe profundo no coração da virtuosa rainha de Hespanha.

O snr. Duque de Parma foi um d'esses bravos amigos de Carlos VII que o acompanharam nos fances mais arriscados da ultima guerra carlista. Tinha ali o posto de coronel, e era tão respeitado pelo seu grande caracter, como admirado pelo seu valôr e dedicação. Ninguem no tracto particular sabe ser mais atrahente e mais querido do que aquelle principe. Por isto principalmente a sua dôr de hoje é acompanhada por tantos e tantos amigos particulares de S. A. R. antes de o ser por todos os legitimistas.

Os Bonapartistas.—Realizou-se ha dias em Pariz uma reunião de bonapartistas com o fim de nomearem um Comitê Central e commissões provinciaes que apoiem a candidatura dos Bonapartes ao throno da França.

Uma correspondencia que temos á vista diz o seguinte d'aquelle reunião:

«Um grande escandalo teve lugar antehontem na sala *Redante*. A polemica violenta entre o *Combate* e *Paiz* trouxe consequências. O *Combate* queria expulsar do partido o *Paiz* e o *Petit Caporal*, e annunciou uma reunião para este fim.

«Pessoas com garrotes e bengalas de esboque rondavam a sala, formando crescidos grupos. Um individuo deu um empurrão em um commissario da reunião, e desde este momento travou-se uma discussão, se tal nome merece uma confusão de vozes gritos, interjeições e até soccos e pauladas. Os chapéus amarrotados e as bengalas pelos ares testificavam a harmonia entre os partidarios do principe Victor e os do principe Jeronymo.

«Assim terminou a reunião que devia constituir um comitê central e varios provinciaes para sustentar a candidatura do principe Jeronymo.»

Esta solução fará que muitos monarchistas, na impossibilidade de fazerem vingar o bonapartismo, se voltem para o Conde de Chambord, cujos direitos encontram de dia para dia mais partidarios.

O Barbeiradas.—O sr. Domingos Rebello Barboza, que não temos o gosto de o conhecer, nem saber a que *especie* pertence, zangou-se conosco a ponto de estampar na *Correspondencia do Norte* de quarta feira ultima um annuncio, (queremos dizer uma declaração,) pela qua

pretende fazer acreditar, que não é o celebre e estonteado chronista da *Lucta*.

Ora, que culpa temos em o sôr Domingos confundir com a sua personalidade o Barbeiradas da *Lucta*? Pois, não ha pelo menos um entersticio de 1:500 metros entre um e outro cavalheiro?

Que diabo este!... como se interpretam as nossas palavras? Isto é bonito... Tudo *carrega* sobre os pobres, dizia ainda ha pouco a maldizente doida da Cruz de Pedra, e o sôr Domingos parece achar-se no mesmo caso. Não: todos reconhecem na pessoa do chronista, que alguém suppoz ser o *Gigante de Cebo*, um talento luminoso como se costuma geralmente dizer, e por isso confundir o Barbeiradas com o chronista, era o mesmo que comparar *Alexandre ao Sediço*. Esta é boa! Não, repetimos, porque o sôr Domingos, é um jornalista admiravel, e não gosa ainda das honras de *pé-fresco*, tem-no *murcho* bem o sabemos, com a frequencia dos seus *jogos turturianos* que lhe absorvem a razão a ponto de retractar *entes* com tres orelhas, phenomeno, que só a sua alta *intelligencia* podia imaginar ao calor do escalfador.

Este pimpolho é engraçado, e além de ingrato, é um *rabula* de quatro costados! Sabe perfeitamente que o Barbeiradas não é o chronista da *Lucta*, nem o *Gigante de Cebo*, e chega a sua ingenuidade a fazer declarar publicamente que não é o *branco do pinta a bola*—nem o retractista das tres orelhas. Ainda os ha!...

Mas que ingrato! Revolta-se contra aquelles que ainda ha pouco lhe davam põesinho a ganhar e lhe escovavam o casaquinho domingueiro. Temos compaixão d'este miserico mortal; senão...—davamos com elle em Rilhafoles, em menos de tres dias.

Mas...vistelo ir?...

Monstruoso crime.—Na freguezia de Rendufe, concelho d'Amareos perpetou-se o crime por demais extranho do que ha memoria. Pedimos a leitura de que, a tal respeito, nos informa o nosso correspondente d'Amareos, e d'aquella fonte esperamos ultteriores pormenores, de que instruiremos o publico.

Fiscal das aguas.—Está visto os interesses do povo nada valem em face dos interesses particulares. Os empregos tornaram-se *folares* com que os padrinhos brindam os seus afilhados embora os comprem com o suor do povo.

Donde nascerá esse entranhado amor, do Sr. Guimarães, camarista, para com o Sr. Costa, recentemente eleito fiscal das aguas d'esta cidade? Dicant paduam.

A verdade é que o sr. Costa está feito *augueiro*, por imposição do sr. Guimarães.

É certo tambem que o sr. Costa é muito boa pessoa, mas não pôde ser bom empregado.

Por que?

Porque não será tão tolo que deixe a lucrativa profissão d'agente de letras commerciaes, ou como melhor nome tenha; por que não pôde vigiar, como é de necessidade a justa distribuição nem o roubo das aguas em detrimento do publico, e por que o não achamos bastante independente para resistir ás tentações.

Mas é o homem do sr. Guimarães e é quanto basta.

O que nos admira foi a abstenção do voto tanto do sr. Presidente como do sr. Bahia, abstenção de certo calculada e combinada.

Emfim a politica, esta devassa e immoral senhora é a que preside aos destinos dos povos; a justiça e o interesse publico foram arrojados ao lixo como fosseis e impertinentes.

A que degradação chegamos!!!

Não se affilia sr. Guimarães; porque até o ceo tem de vir em seu auxilio, enviando as chuvas e os enxurros, que se encarregam de formar as lacrimosas fontes, e de humedecer as seccas.

Fallecimento.—No sabbado ultimo falleceu em Villa Boa do Bispo (Marco de Canavezes) o sr. Antonio Carneiro Geraldès, representante da mais nobre e fidalga familia d'aquella localidade.

O sr. Carneiro Geraldès era um d'esses poucos caracteres que atravessam a vida predestinados só ao respeito e á veneração dos homens.

No longo periodo de 70 annos, que tanto vivem, conquistou sempre novos titulos que o nobilitaram cada vez mais no conceito dos seus conterraneos. Quer no exercicio de honrosos cargos publicos, quer no trato particular, o sr. Carneiro Geraldès foi sempre o typo mais accentuado do antigo fidalgo. A sua mão generosa, aberta sempre para o desvalido, foi incansavel em espalhar beneficios e em mitigar soffrimentos. Onde

se carecia de um espirito conciliador, onde se fazia mister um coração caridoso, onde mingua um genio de paz, ali estava sempre aquelle exemplo de inteireza e de benevolencia.

O sr. Antonio Carneiro Geraldès deixa após si traços difficeis de imitar. Foi uma existencia edificante, um chefe de familia como poucos, um amigo unico.

Deve-lhe a sua localidade esforços e serviços que nunca poderão esquecer. A sua memoria está vinculada ao povo de Villa Boa pelos laços eternos de uma gratidão merecida.

As suas crenças religiosas e politicas eram as que mais se conciliavam com aquelle raro caracter. Não obstante, de todos os partidos lhe iam tributos da maior veneração.

Estremoso para com seus filhos legallhes o sr. Antonio Carneiro Geraldès um nome que orgulha, e uma educação que distingue. O mundo litterario deve ao talento de uma de suas filhas um espelho fiel da intelligencia e da illustração, nas paginas brilhantes de um romance intimo, que a imprensa festejou.

O sr. Antonio Carneiro Geraldès foi o amigo predilecto de José Pedro de Madureira, d'esse homem que arrastou para a sepultura uma saudade que não morre. Ambos homens da mesma escola, cada qual em seu periodo, pagaram á fidalguia que se recommenda, á nobreza que obriga, o feudo que os annos não podem apagar da memoria dos povos.

A seus filhos e irmãos a expressão do nosso maior sentimento de amizade e saudade por tão irreparavel perda.

Collegio de Sant'Anna.—Este florescente collegio, estabelecido no campo de Sant'Anna n.º 19, dirigido por D. Amelia Amado, é um dos que mais se recomenda n'esta cidade, pela sua boa collocação, e exímio pessoal de professoras, para a completa educação de meninas.

Recommendamol-o a todos os chefes de familia, certos do que bendirão o nosso sincero reclame.

Concurso.—Está a concurso por provas documentaes até ao dia 11 do corrente mez as freguezias de S. Salvador de Joanne e de S. Miguel de Varziella, d'este Arcebisado.

Explosão.—No dia 4 do corrente pelas 8 horas da noite, foi completamente destruida por uma explosão de dinamite a casa onde habitava o sr. José Joaquim Loureiro, negociante do logar da Quintão freguezia de S. Pedro de Marelím.

Este individuo tinha em casa algumas duzias de fogo para vender, e não se sabendo como, incendiou-se e foi tal o estampido que fez saltar a casa pelos ares.

Não houve desgraça alguma a lamentar, escapando milagrosamente toda a familia e alguns seus parentes e amigos que 5 minutos antes ali tinham estado.

Calculam-se prejuizos para cima de reis 700\$000.

ANNUNCIOS

Novo horario

Antonio do Couto, da Cidade de Guimarães, faz publico, que a sua diligencia diaria, que sae de Braga da casa do sr. Ribeiro Braga, em direitura a Guimarães e Basto, ás quatro horas da manhã; fica a sahir desde hoje em diante ás quatro horas e meia. Braga 6 de Outubro de 1882.—Pelo annunciante—Ribeiro Braga.—Visto—Vereador Fiscal—Ribeiro. (78)

Arrematação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Braga e cartorio de Ribeiro no dia 8 do proximo seguinte mez de Outubro por 10 horas da manhã á porta do tribunal Judicial sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade e local aonde se costumam fazer as arrematações se tem de proceder a arrematação das propriedades abaixo declaradas e descriptas no inventario Orphanologico a que procede por fallecimento de Antonio Mano morador que foi na freguezia de Priscos d'esta comarca cujas propriedades são as seguintes: Campo denominado da Cova, sito no lugar do mesmo nome, e a leira de nominada da Ribeira, sita no lugar da Cova e ambas na freguezia de Priscos, de praso ao Doutor Theotónio José Rodrigues d'Abreu e Fontes, com o laudemio da quarentena; Entrão em praça na quantia de 302\$090 reis. A tomada da Retorta, sita no lugar do mesmo nome e dita freguezia de praso á Camara d'esta cidade, com o laudemio da quarentena. Entra em praça na quantia de quarenta mil reis. A leira do Carrascal, sita no lugar da Agra do carrascal e a leirinha da Boucinha, sita no lugar da Boca, ambas estas propriedades são de praso foireiras a Antonio Manoel de Faria Couto, com o laudemio da quarentena. Entram em praça na quantia de oitenta mil reis, e vão á praça conforme deliberado foi pelo conselho de familia e interessadas no sobredito inventario. Pelo presente annuncio são citados, chamados e requeridos todos os credores e pessoas insertas que se julguem com algum direito ás propriedades a arrematar para ficarem scientes do dia, hora e local da praça, assistirem a ella e usarem querendo dos seus direitos sob as penas da lei.

Leva o presente annuncio uma estampilha de dez reis devidamente inutilizada. Braga 26 de Setembro de 1882. O Escrivão João Marcos de Araujo Ribeiro Verifiquei a exactidão O Juiz dos Orphãos (73) Manoel Joaquim Correa Velloso.

Alfaiate

Joaquim Maria da Silva, mudou da Rua da Sé, para a de Jano n.º 16 e espera a concorrência dos seus amigos e freguezes. Trabalha pelos ultimos figurinos. (76)

Baptisados

Na confeitaria Bracarense, rua de S. João, nos baixos da casa do Passadiço, tomam-se encomendas de doce, fiambre, queijo, vinhos finos e excellente vinho verde para meza: esta casa encarrega-se de fornecer todo o serviço de mesa e creados tudo com aceso e limpeza. (75)

SANTA THERESA DE JESUS

Vende-se uma imagem d'esta santa, que mede 80 centímetros d'altura fóra a base, é de primorosa esculptura, e encarnação. Trata-se na rua dos Chãos n.º 27 C. (74)

Está aberta a matricula para os alumnos que pretenderem cursar as aulas abaixo mencionadas, no Collegio Academico de Nossa Senhora de Guadalupe, no proximo anno lectivo.

O corpo docente é o seguinte:

Instrução primaria—Dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro, tendo por auxiliares dous ajudantes.

Lingua franceza:—João José Alves d'Araujo.

Desenho:—Antonio Celestino da Silva. **Arithmetica, geometria plana, etc.**:—O tenente Zeferino Moraes e Motta.

Lingua portugueza:—Dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro.

Lingua latina e latinidade:—Dr. João Manoel Corrêa.

Elementos de physica chimica e historia natural:—Dr. Antonio Casimiro da Cruz Teixeira.

Algebra, geometria e trigonometria:—O alferes Eduardo Silva.

Philosophia—Geographia e historia:—Dr. Manoel Messias Mendes Fragoso.

O director d'este estabelecimento continúa a envidar todas os esforços para que os seus collegias tenham o maior aproveitamento litterario a par d'uma sã educação moral, civil e religiosa.

Braga 22 de setembro de 1882.

O director—João José Alves d'Araujo. 71)

ALMANACH

DOS

Namorados

PARA 1883

Com cartas amorosas, pensamentos, poesias dos escriptores mais notaveis

PREÇOS 50 REIS

Este precioso almanach que tem tido um acolhimento extraordinario, é o livrinho mais proprio para figurar na carteira de uma senhora;— é um album intimo e o melhor confidente para os segredos do coração.

Está á venda em todos os kioskes de Lisboa e Belem, em muitos estabelecimentos; tabacarias, etc, e na ponte dos vapores do Caes Sodré. Remette-se pelo correio a quem enviar 50 reis em estampilhas a Lauro d'Almeida, Travessa de S. Placido n.º 20, 1.º — Lisboa. **Faz-se abatimento para revender.**

Photographia Bracarense

RUA DA BOA-VISTA N.º 34

Tiram-se retratos com toda a perfeição, em diferentes gostos e tamanhos.

HOTEL LUZO BRAZILEIRO

PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO

Proximo ao Passeio Publico

BRAGA

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.^{mos} Srs. Hospedes, as commodidades precisas tanto em aceso como em limpeza, por preços muito rasoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

Francisco Martins da Silva Araujo, da rua da Cruz de Pedra, d'esta cidade, faz publico para todos os effeitos legais, que seu irmão José Maria Martins da Silva, se acha á muito tempo no deploravel estado de demencia, e por isso inhibido de poder encarregar-se de qualquer venda de objectos ou de outro qualquer negocio—pelo que, desde já declara, em vista do estado em que se acha, que senão responsabiliza por cousa alguma respeitante a quaes quer objectos para vender, empenhar, ou de que fór encarregado por qualquer forma.

E para que ninguem allegue ignorancia de futuro faz o presente annuncio, retirando por esta forma de si toda e qualquer responsabilidade.

Braga, 29 de agosto 1882.

Francisco Martins da Silva Araujo.

Precisa-se de um rapaz que saiba lê e escrever de 12 a 14 annos.

Pode-se dirigir a esta Redacção qualquer pertendente.

Typ. Lealdade — Rua de Jano n.º 1